

Realidade social e econômica

GUILHERME HENRIQUE PEREIRA

As enormes dificuldades de ordem financeira, ao lado das propostas de reforma do Estado, a partir dos anos oitenta, deixaram como resultado uma importante perda de capacidade de resposta dos órgãos estaduais e federais às necessidades de informações estatísticas essenciais ao conhecimento de nossa realidade sócio-econômica. O último censo econômico foi realizado em 1985, os dados que ainda continuam disponíveis o são com atraso muito grande. Não desenvolvemos uma cultura voltada para organização das informações. Em geral, a maioria dos órgãos produtores de informação (operadores de diversos serviços como comunicação, transporte, fazendários, saúde, segurança, registros comerciais, registros de emprego, etc.) não dispõe de um sistema organizado de apuração dos dados indicadores de suas respectivas ações. A privatização de alguns desses serviços traz um complicador adicional para obtenção de dados.

Nos Estados, talvez essas dificuldades sejam ainda maiores, já que sequer o sistema de apuração das contas regionais (o trabalho que realiza a medida de tudo aquilo que foi produzido durante um ano) encontra-se em funcionamento na maioria deles. O resultado mais popular dessa contabilidade, o Produto Interno Bruto (PIB), não é conhecido por quase todos os Estados brasileiros desde 1985.

Nessa situação, todos os que necessitam planejar ou analisar a nossa realidade são obrigados a improvisar com dados desatualizados e fazer suas próprias estimativas, criando aproximações à realidade que ao longo do tempo vão se tornando cada vez mais distantes dos fenômenos estudados. Outra consequência dessa situação é a ampliação do grau de ignorância sobre o próprio significado das estatísticas. Na medida em que não se pode utilizá-las com frequência, deixa-se de compreendê-las adequadamente. Mas, mesmo assim e quanto maior a ignorância sobre o quadro atual de disponibilidade de dados, fazem-se algumas cobranças inteiramente absurdas àqueles que, de forma responsável, evitam ousar no campo das estimativas.

Trabalhos aparentemente deficientes, porque não ousaram em projeções sobre o futuro, podem indicar à atitude responsável dos autores. Trabalhos apoiados em amplas justificativas, baseadas em projeções de estatísticas, podem indicar apenas a irresponsabilidade ou a falta de profissionalismo dos autores, ao contrário do que caberia imaginar. Recentemente, lemos na imprensa local uma crítica inteiramente desequilibrada sobre um trabalho, cujo

desconhecimento do autor sobre o assunto tratado, infelizmente só estava evidente para uma minoria de especialistas.

Vale a pena mencionar uma afirmação deste inusitado "economista": "...utilizando dados defasados da economia capixaba, fixando o PIB com valores calculados antes da desvalorização do real, em janeiro deste ano". Esta frase explícita dois tipos de problemas: o primeiro diz respeito à absoluta ignorância do autor.

O PIB é uma apuração de tudo aquilo que foi produzido em determinado espaço econômico, durante um exercício, calculado na moeda corrente do país e com base em um sistema complexo de contabilidade social. Portanto, o cálculo do PIB só é possível após o encerramento do ano. Os eventuais ajustes da economia à variação cambial ocorrerão ao longo do tempo e, dificilmente, podem ser separados com precisão. O segundo tipo de problema refere-se ao fato de que a inexistência da informação oficial, leva a uma proliferação de estimativas e qualquer um passa a pen-

**Corre-se o
risco de se
fixar uma
estimativa
sem qualquer
fundamento**

sar que pode dar palpites. Nesta situação, corre-se o risco de se fixar uma estimativa sem qualquer fundamento, pela simples circunstância de sua maior exposição na mídia. Neste caso os ignorantes e afoitos tomam gato por lebre e ainda fazem pose de espertos.

E até quando vamos conviver com essa desconfortável situação? Não sabemos responder com segurança, contudo, podemos listar alguns acontecimentos. O IBGE está anunciando a retomada de pesquisas abrangentes. Por outro lado, o Governo federal, em sua ânsia de cortar despesas, utilizando critérios quase sempre incompreensíveis, não tem fornecido os recursos suficientes, como se depreende das notícias sobre dificuldades financeiras desta importante instituição. Assim, resta saber quando ficarão disponíveis os resultados das pesquisas anunciadas. Mesmo nestas condições, o IBGE vem desenvolvendo alguns trabalhos novos, dignos de

registro: recentemente, encaminhamos a notícia de uma cooperação com órgão local que facilitou a recuperação de uma base de dados que permitirá ao IBGE publicar a pesquisa mensal de desempenho da indústria capixaba, fato, aliás, que já vem ocorrendo.

Outro trabalho que terá grande repercussão é a estruturação de uma rede de pesquisas, coordenada pelo IBGE, e da qual participam as instituições estaduais de pesquisa. O objetivo específico dessa rede de pesquisas é a organização do sistema de contas regionais. Assim, em breve, teremos um acompanhamento confiável do desempenho das atividades econômicas nacionais, identificado separadamente para cada Estado da federação.

No Espírito Santo, o Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes) participa da mencionada rede de pesquisa. O trabalho iniciado em 1998 está recuperando as informações desde o último cálculo do PIB estadual. No presente, encontra-se em fase final de compatibilização dos resultados preliminares obtidos em cada Estado, entre eles e, também, em relação ao calculado para o país. Desse trabalho participam técnicos de todas as instituições estaduais, coordenados pelo IBGE. A previsão de conclusão e divulgação dos resultados, no final deste mês, ainda não foi alterada. Isso significa que em breve teremos conhecimento de uma série de informações sobre o desempenho das atividades econômicas em cada Estado brasileiro, desde 1985 até 1997. Iniciando-se a seguir os cálculos para 1998, e assim por diante.

Os profissionais competentes, que foram obrigados a trabalhar com estimativas, terão à disposição informações confiáveis para reverem suas análises. Alguns resultados preliminares confirmam algumas tendências já indicadas pelos nossos economistas: a economia capixaba, no período 1985/1987, continuou crescendo acima da média nacional e, consequentemente, aumentou sua participação na geração da produção nacional - saí de 1,68% para 1,80%, aproximadamente, do PIB brasileiro. Fato significativo, a despeito da variação aparentemente pequena, sobretudo quando estamos diante de informações que mostram recuo de Estado importante, como é o caso de Minas Gerais; a distribuição setorial da produção, ao contrário, certamente causará surpresas, porque se distancia das previsões correntes. Aqui verificamos uma queda relativamente expressiva do setor agropecuário, ao que tudo indica, causada principalmente pelo comportamento desfavorável dos preços de seus produtos.

GUILHERME HENRIQUE PEREIRA é professor e diretor do Ipea